CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

A prática do aleitamento materno: um olhar sobre os diferentes ciclos de vida

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Davi da Silva Nascimento
Taciane Oliveira Bet Freitas
Ana Paula Constâncio Figueiredo
Délis de Cássia Santos
Jânio Gomes Rocha Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P912 A prática do aleitamento materno: um olhar sobre os diferentes ciclos de vida / Davi da Silva Nascimento, Taciane Oliveira Bet Freitas, Ana Paula Constâncio Figueiredo, et al. - Ponta Grossa – PR: Atena, 2024.

Outros autores
Délis de Cássia Santos
Jânio Gomes Rocha Junior

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2172-6
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.726230712

1. Aleitamento materno. I. Nascimento, Davi da Silva. II. Freitas, Taciane Oliveira Bet. III. Figueiredo, Ana Paula Constâncio. IV. Título.

CDD 618.17

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

PREFÁCIO

O leite materno é o único alimento que deve ser ofertado exclusivamente ao lactente nos 6 primeiros de vida. Diversas são as evidências que comprovam que o leite materno oferece inúmeros benefícios tanto para o lactente quanto a lactante. Contudo, os estudos apontam que ainda existe uma baixa adesão ao aleitamento materno no Brasil, e diversos são os fatores que interferem nessa prática.

Esta obra surgiu do desejo de instrumentalizar os debates que envolvem a prática do aleitamento materno. Não tem o intuito de esgotar a abordagem sobre o tema, mas se propôs a tocar em dois pontos muito sensíveis sobre o aleitamento materno. No primeiro capítulo buscou-se realizar a produção da literatura quanto às práticas que favorecem o aleitamento materno na assistência ao recém-nascido na unidade de terapia intensiva neonatal. No segundo capítulo a abordagem é voltada para a vivência da prática do aleitamento materno exclusivo em mães adolescentes.

A produção de conhecimento, atitudes e práticas da equipe multiprofissional em saúde em relação à amamentação e o aleitamento materno são estratégias chave para influenciar as decisões das mães em amamentar e melhorar as taxas de amamentação. Esperamos contribuir para dirimir possíveis dúvidas no que tange à temática e subsidiar discussões e propostas de intervenções assistenciais na melhoria do cuidado aos pacientes.

Davi da Silva Nascimento

Taciane Oliveira de Bet Freitas

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 1

O ALEITAMENTO MATERNO NA ASSISTÊNCIA AO RECÉM-NASCIDO NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Ana Paula Constâncio Figueiredo
Délis de Cássia Santos
Jânio Gomes Rocha Junior
Taciane Oliveira Bet Freitas
Davi da Silva Nascimento

https://doi.org/10.22533/at.ed.7262307121

CAPÍTULO 2 9

O PROCESSO DE ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO EM MÃES ADOLESCENTES

Délis de Cássia Santos
Jânio Gomes Rocha Junior
Ana Paula Constâncio Figueiredo
Taciane Oliveira Bet Freitas
Davi da Silva Nascimento

https://doi.org/10.22533/at.ed.7262307122

SOBRE OS AUTORES 24

CAPÍTULO 1

O ALEITAMENTO MATERNO NA ASSISTÊNCIA AO RECÉM-NASCIDO NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Data de aceite: 01/11/2023

Ana Paula Constâncio Figueiredo
Universidade Católica do Salvador
Salvador - Bahia

Délis de Cássia Santos
Universidade Católica do Salvador
Salvador - Bahia
http://lattes.cnpq.br/4727867104267252

Jânio Gomes Rocha Junior
Universidade Católica do Salvador
Salvador - Bahia
http://lattes.cnpq.br/0447027317723207

Taciane Oliveira Bet Freitas
Universidade Estadual de Feira de Santana
São Caetano do Sul – São Paulo
http://lattes.cnpq.br/9449675336415941

Davi da Silva Nascimento
Hospital Universitário de Brasília – UnB-HUB (EBSERH)
Brasília - Distrito Federal
http://lattes.cnpq.br/3481499555648959

RESUMO: Introdução: Os benefícios do aleitamento materno exclusivo em recém-nascidos é um consenso. Apesar dessa premissa as unidades de terapia intensiva neonatal possuem diversos desafios que não favorecem essa adesão. Existe grande conhecimento sobre as práticas que favorecem o aleitamento, mas possui uma adesão limitada devido a fatores como priorização na rotina da unidade e profissionais especializados. **Objetivo:** Analisar a produção da literatura quanto às práticas que favorecem o aleitamento materno na assistência ao recém-nascido na unidade de terapia intensiva neonatal. **Método:** Trata-se de um artigo de revisão de literatura mediante os descritores: aleitamento materno; unidade de terapia intensiva neonatal e recém-nascido, foi utilizado a estratégia de busca, Aleitamento Materno AND Unidade de Terapia Intensiva Neonatal AND Recém-nascido, com um recorte temporal de 2015 a 2019. Foram incluídos estudos que estejam nos idiomas português, inglês e espanhol, e que contempla o objetivo dispostos para essa pesquisa. **Resultados:** Entre os fatores que interferem na prática do aleitamento materno destaca-se a criação de políticas públicas que favoreçam a dinâmica das unidades de terapia intensiva neonatal possibilitando o profissional de saúde apoiar em todas as fases do aleitamento materno. **Considerações finais:** Destaca-se a necessidade de novos estudos que

aprofundem a busca de novas estratégias que promovam o aleitamento materno de recém-nascidos nas unidades de terapia intensiva neonatal.
PALAVRAS-CHAVE: Aleitamento Materno; Unidade de Terapia Intensiva Neonatal; Recém-nascido.

PRACTICES THAT FAVORS BREASTFEEDING IN NEWBORN CARE AT THE NEONATAL INTENSIVE CARE UNIT

ABSTRACT: Introduction: The benefits of exclusive breastfeeding in newborns is a consensus. Despite this premise, neonatal intensive care units have several challenges that do not favor this adherence. There is great knowledge about practices that favor breastfeeding, but it has limited adherence due to factors such as prioritizing the unit's routine and specialized professionals. **Objective:** Analyze the production of literature regarding practices that favor breastfeeding in the care of newborns in the neonatal intensive care unit. **Methodology:** This is a literature review article using the descriptors: breastfeeding; neonatal and newborn intensive care unit, the search strategy was used, Breastfeeding AND Neonatal Intensive Care Unit AND Newborn, with a time frame from 2015 to 2019. Studies in Portuguese, English and Portuguese were included. Spanish, and that contemplates the objective set for this research. **Results:** Among the factors that interfere in the practice of breastfeeding, the creation of public policies that favor the dynamics of neonatal intensive care units stands out, enabling health professionals to support in all stages of breastfeeding. **Conclusion:** The need for further studies to deepen the search for new strategies that promote breastfeeding of newborns in neonatal intensive care units is highlighted.
KEYWORDS: Breastfeeding; Neonatal Intensive Care Unit; Newborn.

1 I INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas com o avanço da medicina em neonatologia aumentaram-se as chances de sobrevivência dos recém-nascidos prematuros, contudo esses recém-nascidos requerem maior tempo de internamento e cuidados especializado em unidade de terapia intensiva neonatal (GUBERT, 2012).

A Unidade de terapia intensiva neonatal é o setor que proporciona todo tratamento e vigilância imprescindível desse período crítico (SEGUNDO *et al*., 2018). A UTI neonatal, tem como objetivo de oferecer suporte às necessidades vitais do recém-nascido, como a manutenção do controle térmico, manutenção da atividade respiratória, cardíaca assim como o suporte nutricional (BRASIL, 2011).

O suporte nutricional mais adequado ao recém-nascido, é o leite materno, por ser o alimento mais completo possuindo todos os nutrientes essenciais (NASCIMENTO; ISSLER, 2004). A oferta do leite materno proporciona uma série de vantagens imunológicas, endócrinas, neurológicas, assim como proteção antioxidante, menor incidência de sepse, fortalecimento do vínculo mãe e filho entre outras (McFADDEN *et al*., 2016, DEREDDY *et al.,* 2015).

Contudo o aleitamento materno na unidade de terapia intensiva possui diversos desafios, o fator prematuridade acarreta uma possível imaturidade neurológica e fisiológica que prejudicando todo o processo de sucção. Somado a esse fator o desconforto e insegurança da mãe ao manejar um bebê pequeno e suas expectativas em relação a capacidade de amamenta-lo (GORGULHO; PACHECO, 2008). A participação dos profissionais da área de saúde é essencial para viabilizar o aleitamento materno na unidade de terapia intensiva, apoio à mãe, ensinando, incentivando e tornando possível na rotina da unidade (SOUZA *et al*., 2010, NASCIMENTO; ISSLER, 2004).

A prevalência do aleitamento materno em recém-nascido prematuro é baixa tendo o período de hospitalização como determinante na adesão à amamentação. O desmame precoce após a alta está diretamente ligado a falha na comunicação entre a mãe e os profissionais da unidade e a falta de um apoio psicoemocional a família (SOUZA *et al*., 2010).

Percebe-se o impacto positivo de realizar práticas de suporte educacional e logístico aos profissionais de saúde para estimular o apoio as mães na execução da amamentação e ordenha, além de solucionar as dúvidas minimizando as angustia da lactante. Este estudo reúne as principais evidências científicas com as práticas que interferem positivamente ou negativamente a amamentação, demostra a grande importância de discutir a relevância dessas ações e a repercussão positiva para a criança, para a mãe e sua família. Dessa forma o objetivo deste estudo foi analisar a produção da literatura quanto às práticas que favorecem o aleitamento materno na assistência ao recém-nascido na unidade de terapia intensiva neonatal.

2 | METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa que é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados à literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação é constituído por publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual (ROTHER, 2007).

Foi considerado os artigos publicados e indexados nas bases de dados que compõem a Biblioteca Virtual em Saúde, Medline (Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica), Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Scielo (Scientific Electronic Library Online).

As publicações foram selecionadas através dos descritores em saúde: Aleitamento Materno; Unidade de Terapia Intensiva Neonatal e Recém-nascido. O operador booleano “AND” foi utilizado para busca dos artigos a seguinte estratégia de busca (“Aleitamento Materno” AND “Unidade de Terapia Intensiva Neonatal” AND “Recém-Nascido”). Além disso, para a seleção dos artigos, foi delimitado o período de 2015 a 2019, que estivessem

nos idiomas português, inglês e espanhol, e que contemplasse o objetivo disposto para essa pesquisa. Foram excluídos da pesquisa os artigos que não contemplaram o tema proposto, artigos de revisão de literatura, os que não se encontrarem na íntegra, teses, dissertação, carta ao leitor e os artigos que se apresentaram em duplicidade.

Os materiais foram selecionados no período de agosto e setembro de 2020 e passaram por uma leitura analítica para organizar as informações contidas na pesquisa, buscando identificar o objeto do estudo para que seja estabelecida uma conexão entre eles e o tema proposto.

Os dados foram analisados a partir dos artigos, realizando uma abordagem comparativa entre os artigos selecionados, analisando a produção da literatura quanto às práticas que favorecem o aleitamento materno na assistência ao recém-nascido na unidade de terapia intensiva neonatal. Os resultados foram apresentados na forma de quadro contendo: revista, autor e ano, objetivo, tipo de estudo e principais resultados.

A busca nas bases de dados resultou em 366 referências. Textos completos 323. Ao excluir os duplicados restaram no total 159 publicações. Ao selecionar o tipo do estudo foram encontrados 109 artigos. Idiomas selecionados foram o português, inglês e espanhol restando 109. O período selecionado foi de 2015 a 2019 restando um total de 69 artigos, destes 55 artigos não estavam relacionados ao tema proposto. A amostra final foi de 11 artigos, 9 na base de dados Medline, 1 da base de dados Lilacs e 1 da base de dados Scielo que atendiam a todos os critérios de inclusão.

3 | RESULTADO E DISCUSSÃO

De acordo com os critérios de inclusão e exclusão descritos na metodologia, a amostra final foi composta de 11 artigos. A maioria dos artigos foram publicados no ano de 2018, correspondendo a 50% das amostras, seguindo por 2015 com um total 29%, 2016 com 14% das publicações, 2017 com 7%, no ano de 2019 não houve nenhuma publicação selecionada. Entre os 11 estudos 79% estão em inglês e 21% estão em português. Analisando os autores dos artigos selecionados, 100% são do sexo feminino, sendo 57% enfermeiras, 36% médicas e 7% nutricionista. Todas autoras possuem especialização, pós-graduação ou mestrado na área de pediatria, neonatologia, prematuridade, saúde da mulher e criança ou aleitamento materno.

É consenso na literatura pesquisada que o leite materno é considerado o alimento mais benéfico para o recém-nascido, por conter todos os nutrientes, minerais, água e vitaminas essenciais para o melhor crescimento e desenvolvimento do lactente (CASAVANT *et al.*, 2015; RAYFIELD *et al.*, 2015; FUGATE *et al.*, 2015; ALMEIDA DO AMARAL *et al.*, 2015; ALVES *et al.*, 2016; HALLOWELL *et al.*, 2016; SPATZ *et al.*, 2017; LUZ *et al.*, 2018; BUJOLD *et al.*, 2018; WILSON *et al.*, 2018; IKONEN *et al.*, 2018).

A maioria das mães concordam que o leite materno é o melhor alimento para a saúde do bebê, mas relatam alguns obstáculos para a amamentação aumentando a probabilidade da utilização de fórmulas (RAYFIELD *et al.*, 2015; ALMEIDA DO AMARAL *et al.*, 2015; ALVES *et al.*, 2016; IKONEN *et al.*, 2018). Entre os obstáculos o estudo de Alves *et al.* (2016) relata que entre 35,7% dos pais possui preocupações relacionadas à oferta de leite adequada, 24,8% a dificuldade de extrair, 24,3% a separação física dos bebês.

Apesar do conhecimento amplo e comprovados sobre os benefícios nutricionais da amamentação, a rotina de funcionamento da unidade de terapia intensiva muitas vezes não levam em conta as demandas maternas (CASAVANT *et al.*, 2015; RAYFIELD *et al.*, 2015; FUGATE *et al.*, 2015; ALMEIDA DO AMARAL *et al.*, 2015; HALLOWELL *et al.*, 2016; SPATZ *et al.*, 2017; BUJOLD *et al.*, 2018; WILSON *et al.*, 2018). O estudo de Bujould *et al.* (2018) relata que se a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal possui o objetivo de auxiliar as mães no enfrentamento dos desafios da extração do leite, estando distante fisicamente do seu filho, precisa realizar perguntas abertas com o objetivo de explorar os sentimentos e as necessidade da mãe, assim buscando estratégias mais eficazes que reduzam os desafios e promovam fisicamente e emocionalmente a proximidade mãe-filho.

Restrições organizacionais e relutância da equipe são fatores apontados como grande empecilho da participação materna na rotina da criança e, consequentemente, do início precoce da amamentação maternas (FUGATE *et al.*, 2015; HALLOWELL *et al.*, 2016; SPATZ *et al.*, 2017; LUZ *et al.*, 2018; BUJOLD *et al.*, 2018; WILSON *et al.*, 2018).

Entre as práticas que favorecem o aleitamento materno Casavant *et al.* (2015) destaca que realizar a primeira alimentação oral diretamente no seio aumentam as chances de o recém-nascido estar em aleitamento materno na alta, mesmo entre os bebês mais doentes e menores. Rayfield *et al.* (2015) relata que disponibilizar um contato para grupo de apoio auxiliam no sucesso na amamentação. Almeida do Amaral *et al.* (2015) demostra que uma prática importante é promover a relação entre mãe e o neonato prematuro para melhorar a efetividade da amamentação, consequentemente contribuindo para o desenvolvimento imunológico e nutricional do recém-nascido.

A equipe de enfermagem necessita promover a participação da mãe no cotidiano do recém-nascido da unidade, favorecendo a relação mãe e filho e atenuando o sofrimento do distanciamento que a rotina de uma unidade de terapia intensiva proporciona (FUGATE *et al.*, 2015; ALVES *et al.*, 2016; LUZ *et al.*, 2018; BUJOLD *et al.*, 2018; WILSON *et al.*, 2018).

Para a adesão da amamentação além do suporte físico, orientando e ensinando o processo de amamentação e da ordenha, possui uma grande necessidade de um apoio emocional que atenderá as angustias individuais de cada mãe, explorar as necessidades e dificuldades da mãe foi citada como uma estratégia eficaz de apoio, descobrindo formas de minimizar os desafios da amamentação (CASAVANT *et al.*, 2015; RAYFIELD *et al.*, 2015; FUGATE *et al.*, 2015; ALMEIDA DO AMARAL *et al.*, 2015; ALVES *et al.*, 2016; HALLOWELL *et al.*, 2016; SPATZ *et al.*, 2017; LUZ *et al.*, 2018, BUJOLD *et al.*, 2018; WILSON *et al.*, 2018; IKONEN *et al.*, 2018).

Entre os obstáculos para a amamentação, estudos apontam o bombeamento do leite, a insegurança da mãe referente a quantidade e a qualidade do seu leite (LUZ *et al*., 2018; BUJOLD *et al*., 2018; IKONEN *et al*., 2018). Rayfield *et al.* (2015) relatam em seu estudo, pautado em avaliar a influência de práticas assistenciais nas taxas e no padrão do aleitamento materno no recém-nascido prematuro, que as mães que receberam ajuda suficiente no hospital ou detalhes de contato para grupos de apoio tiveram mais probabilidade de amamentar bebês prematuros e a termo.

A preocupação em acolher a demanda emocional da mãe, promovendo sua participação precoce, está associada ao sentimento de ser apoiada na amamentação tendo um reflexo significativo na adesão e manutenção da amamentação no período hospitalar e pós alta (CASAVANT *et al*., 2015; RAYFIELD *et al*., 2015; ALMEIDA DO AMARAL *et al*., 2015; LUZ *et al*., 2018; GIANNI *et al*., 2018; FISCHER *et al*., 2018). O estudo de Fugate *et al.* (2015) aponta que melhorias no processo de apoio como, auxiliar a mãe para expressar seu leite dentro de seis horas após o parto e possibilitar que os bebês recebem a mãe no início das mamadas melhoram substancialmente o grau de satisfação dos pais em relação ao apoio da equipe de enfermagem a amamentação.

A participação do profissional de saúde foi destacada como um importante apoio em todas as etapas na amamentação (CASAVANT *et al*., 2015; RAYFIELD *et al*., 2015; FUGATE *et al*., 2015; ALMEIDA DO AMARAL *et al*., 2015; ALVES *et al*., 2016; HALLOWELL *et al*., 2016; SPATZ *et al*., 2017; LUZ *et al*., 2018; BUJOLD *et al*., 2018; WILSON *et al*., 2018; IKONEN *et al*., 2018). O estudo de Almeida do Amaral *et al.* (2015) mostra que a presença de uma comissão pró-aleitamento consegue dobrar a prevalência do aleitamento materno. Wilson *et al.* (2018) relata que unidades que possuem acreditação de Hospital Amigo da Criança possuem melhores índices de aleitamento materno na alta em crianças prematuras ou a atermos.

O processo de amamentação do recém-nascido em uma unidade de terapia intensiva é um momento desafiador para mãe. Portanto, é de grande importância, a capacitação dos profissionais de saúde demonstrando a necessidade da implementação de ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno (RAYFIELD *et al*., 2015; FUGATE *et al*., 2015; ALMEIDA DO AMARAL *et al*., 2015; HALLOWELL *et al*., 2016; SPATZ *et al*., 2017; LUZ *et al*., 2018; BUJOLD *et al*., 2018; WILSON *et al*., 2018). Unidades de terapia intensiva neonatal que possuem uma equipe de enfermagem com um maior grau educacional, melhores ambientes de trabalho e uma quantidade adequada de profissionais pode garantir que bebês mais vulneráveis tenham um fornecimento adequado de leite materno no momento da alta (HALLOWELL *et al.,* 2016). A qualificação para o uso do leite humano e da amamentação da equipe de enfermagem de uma unidade de terapia intensiva neonatal precisa ser diferente do treinamento realizado para amamentação de lactantes saudáveis a termo, existe a necessidade do fornecimento de uma educação mais específica que seja baseada nas melhores práticas, aprendendo com os maiores desafios (SPATZ et al.,2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se diversas práticas que favorecem o aleitamento materno na assistência ao recém-nascido na unidade de terapia neonatal, destacando o importante papel da unidade e do profissional de saúde na promoção e apoio ao aleitamento materno.

O resultado do estudo evidenciou que o apoio do profissional de saúde a mãe, ensinando, auxiliando na amamentação e, principalmente, realizando uma investigação mais ampla sobre as inseguranças e dúvidas da lactante tiveram um retorno mais efetivo no incentivo ao aleitamento materno.

Devido à importância do leite materno na saúde do recém-nascido existe a necessidade de implantação de políticas públicas que atualize, estimule e possibilite dentro da unidade de terapia intensiva neonatal que os profissionais de saúde exercerem a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno.

Dessa maneira, destaca a necessidade de novos estudos que aprofundem a busca de novas estratégias que promovam o aleitamento materno de recém-nascidos nas unidades de terapia intensiva neonatal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA DO AMARAL, Daniela; LIBERATO GREGÓRIO, Eric; DE ALMEIDA MATOS, Danielle Aparecida. **IMPACTO DE UMA INTERVENÇÃO PRÓ-ALEITAMENTO NAS TAXAS DE AMAMENTAÇÃO DE PREMATUROS INSERIDOS NO MÉTODO MÃE CANGURU**. Revista de Atencao Primaria a Saude, v. 18, n. 1, 2015.

ALVES, Elisabete et al**. Factors influencing parent reports of facilitators and barriers to human milk supply in neonatal intensive care units**. Journal of Human Lactation, v. 32, n. 4, p. 695-703, 2016.

BUJOLD, Maude et al. **Expressing human milk in the NICU**. Advances in Neonatal Care, v. 18, n. 1, p. 38-48, 2018.

BRASIL. Ministério da saúde. **Atenção à Saúde do Recém-Nascido. Guia para os Profissionais de Saúde. Cuidados com o recém-nascido pré-termo**. Brasília-DF, v. 4, 2011. Disponível em: < http://www.redeblh.fiocruz.br/media/arn_v4.pdf > Acessado em 17 de Set. 2020.

CASAVANT, Sharon G. et al. **Caregiving factors affecting breastfeeding duration within a neonatal intensive care unit**. Advances in Neonatal Care, v. 15, n. 6, p. 421-428, 2015.

DEREDDY, N. *et al.* **A multipronged approach is associated with improved breast milk feeding rates in very low birth weight infants of an inner-city hospital.** Journal of human lactation, v. 31, n. 1, p. 43–6, 2015.

FUGATE, Karen et al. **Improving human milk and breastfeeding practices in the NICU. Journal of Obstetric, Gynecologic & Neonatal Nursing**, v. 44, n. 3, p. 426-438, 2015.

GORGULHO, F. R.; PACHECO, S. T. A. **Amamentação de prematuros em uma unidade neonatal: A vivência materna.** Esc. Anna Nery Rev. Enferm. Rio de Janeiro, 2008.

GUBERT, J. K. et al. **Avaliação do aleitamento materno de recém-nascidos prematuros no primeiro mês após a alta.** Ciência, Cuidado e Saúde, v. 11, n. 1, p. 146-155, 2012.

HALLOWELL, Sunny G. et al. **Factors associated with infant feeding of human milk at discharge from neonatal intensive care: Cross-sectional analysis of nurse survey and infant outcomes data**. International Journal of Nursing Studies, v. 53, p. 190-203, 2016.

IKONEN, Riikka et al. **Preterm infants' mothers' initiation and frequency of breast milk expression and exclusive use of mother's breast milk in neonatal intensive care units**. Journal of clinical nursing, v. 27, n. 3-4, p. e551-e558, 2018.

LUZ, Lucyana Silva et al. **Fatores preditivos da interrupção de aleitamento materno exclusivo em prematuros: coorte prospectiva**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 71, p. 2876-2882, 2018.

McFADDEN, A. *et al*. **Spotlight on infant formula: coordinated global action needed. The Lancet,** v. 387, n. 10017, p. 413-5, 2016.

NASCIMENTO, M. B. R.; ISSLER, H. **Aleitamento materno em prematuros: manejo clínico hospitalar. Jornal de pediatria,** v. 80, n. 5, 2004. Disponível em: < https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1633/640 > Acessado em 18 de Set. 2020.

RAYFIELD, Sarah; OAKLEY, Laura; QUIGLEY, Maria A. **Association between breastfeeding support and breastfeeding rates in the UK: a comparison of late preterm and term infants.** BMJ open, v. 5, n. 11, p. e009144, 2015.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X Revisão narrativa Acta paul. enferm**. v. 20, n. 2, p v-vi, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso> Acessado em 29 de out. 2020.

SEGUNDO, W. G. B. *et al.* **A Importância das unidades de terapia intensiva neonatal (UTIN) e de cuidados intermediários neonatal (UCIN) para o recém-nascido prematuros.** Rev. Nova Esperança, João Pessoa-PB, v. 16, n. 2, p. 85-90, 2018.

SOUZA, N. L. S. *et al*. **Vivência materna com o filho prematuro: Refletindo sobre as dificuldades desse cuidado.** Rev. Min. Enferm., v. 14, n. 2, p. 159-165, 2010.

SPATZ, Diane L. et al. **Creation of a Regional Human Milk Assembly. Advances in Neonatal Care,** v. 17, n. 5, p. 417-423, 2017.

WILSON, Emilija et al. **Room for improvement in breast milk feeding after very preterm birth in Europe: Results from the EPICE c ohor**t. Maternal & child nutrition, v. 14, n. 1, p. e12485, 2018.

O PROCESSO DE ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO EM MÃES ADOLESCENTES

Data de aceite: 01/11/2023

Délis de Cássia Santos
Universidade Católica do Salvador
Salvador - Bahia
http://lattes.cnpq.br/4727867104267252

Jânio Gomes Rocha Junior
Universidade Católica do Salvador
Salvador - Bahia
http://lattes.cnpq.br/0447027317723207

Ana Paula Constâncio Figueiredo
Universidade Católica do Salvador
Salvador - Bahia

Taciane Oliveira Bet Freitas
Universidade Estadual de Feira de Santana
São Caetano do Sul – São Paulo
http://lattes.cnpq.br/9449675336415941

Davi da Silva Nascimento
Hospital Universitário de Brasília – UnB-HUB (EBSERH)
Brasília - Distrito Federal
http://lattes.cnpq.br/3481499555648959

RESUMO: Introdução: Apesar de existir uma diminuição no número de adolescentes gestantes, o número de mães adolescentes no Brasil ainda é considerado alto, tornando o assunto um problema de saúde pública. A amamentação é considerada um fator importante para aumentar o vínculo entre mãe e filho, além de constituir todos os nutrientes necessários para o desenvolvimento saudável da criança. **Objetivo**: Conhecer as vivências da prática do aleitamento materno exclusivo em mães adolescentes. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativo, do tipo exploratória com mães adolescentes. O estudo foi realizado em uma Unidade Básica de Salvador em 2019, participaram 9 adolescentes entre 17 a 19 anos. **Resultados:** Após a análise da coleta de dados emergiram as seguintes categorias ‘1) ‘’Conhecimento e vivência da adolescente sobre aleitamento materno”; 2) ‘’A influência da família e as crenças relacionadas à amamentação’’; 3) ”Desafios e potencialidades de amamentar na adolescência”. **Considerações finais:** Os resultados mostram que é de fundamental importância o apoio da família e dos profissionais de saúde para que as mães adolescentes tenham sucesso na prática do aleitamento materno.

PALAVRAS-CHAVE: Lactante; Aleitamento materno; Adolescência.

THE EXCLUSIVE BREASTFEEDING PROCESS IN ADOLESCENT MOTHERS

ABSTRACT: Introduction: Although there is a decrease in the number of pregnant teenagers, the number of teenage mothers in Brazil is still considered high, making the issue a public health problem. Breastfeeding is considered an important factor to increase the bond between mother and child, and constitutes all the nutrients necessary for the healthy development of the child. **Objective**: To know the experiences of the practice of exclusive breastfeeding in adolescent mothers. **Methodology:** This study is a qualitative exploratory research with adolescent mothers. The study was conducted in a Salvador "Basic Unit" in 2019, and 9 adolescents between 17 and 19 years old participated. **Results**: After analyzing the data collection, the following categories emerged: 1) ''Knowledge and experience of the adolescent about breastfeeding''; 2) "The influence of family and beliefs related to breastfeeding"; 3)''Challenges and potential for teenage breastfeeding''. **Final considerations:** The results show that the support of family and health professionals is of fundamental importance for teenage mothers to be successful in breastfeeding.
KEYWORDS: Lactating; Breastfeeding; Teenage.

1 I INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde, o aleitamento materno exclusivo (AME) compreende a oferta exclusiva de leite materno até o sexto mês de vida (BRASIL, 2009a). Após este período, outros alimentos podem ser introduzidos, desde que sejam adequados e nutram o bebê, buscando preservar concomitantemente a amamentação até os dois anos ou mais (MACIEL *et al.,* 2013).

A amamentação é um fator importante que estimula o vínculo entre mãe e filho, consolida os laços afetivos entre si, fortalecendo os sentimentos de segurança e proteção (SEHNEM *et al.,* 2016). O leite materno contém todos os nutrientes necessários para o lactente, sendo, portanto, de suma importância para o desenvolvimento saudável da criança (LIMA; NASCIMENTO; MARTINS, 2018). O aleitamento materno exclusivo é um importante fator para a redução da taxa de morbimortalidade infantil, pois, favorece o desenvolvimento do sistema imunológico e o crescimento adequado sem a necessidade de inserção de outros alimentos, além de prevenir importantes doenças acometidas na infância (SILVA; LIMA; LOBO, 2019).

O desmame precoce ainda é uma realidade bastante evidente no Brasil. Diversos estudos comprovam que este cenário é ainda mais preocupante quando comparados com as lactantes em fase de adolescência (OLIMPIO; KOCHINSKI; RAVAZZANI, 2010; MARANHÃO *et al*., 2015; SOUZA *et al.,* 2016; RIMES; OLIVEIRA; BOCCOLINI, 2019). Diversas causas estão relacionadas com o desmame precoce, como, problemas mamários, idade materna, falta de orientação sobre a importância do aleitamento materno no pré-natal (SOUZA *et al.,* 2016), presença paterna, renda familiar, escolaridade dos pais, ausência de apoio familiar (MARANHÃO *et al.,* 2015), mitos, crenças, deficiência de uma assistência adequada no pós-parto, além do tipo de parto e outros fatores como a concepção do leite fraco, retorno ao trabalho (FALLEIROS; TREZZA; CARANDINA, 2006; ARAUJO *et al.*, 2008; SEPKA, 2007).

Na adolescência ocorrem diversas modificações sendo elas psicológicas, físicas, sociais e hormonais (NUNES; OLIVEIRA; VIEIRA, 2009). Nesse período encontram-se a construção da personalidade, alterações psicológicas, transformações na estrutura corporal e sexual com suas respectivas descobertas (MOREIRA *et al*., 2008). Diante dessas condições o indivíduo adolescente torna-se mais vulnerável a determinadas condições de risco, a exemplo de uma gravidez precoce (XIMENES NETO *et al*., 2007).

Ainda que se tenha observado uma redução no percentual de adolescentes grávidas no Brasil, o quantitativo de gestantes em idade de 10 a 19 anos ainda são considerados elevados, constituindo-se em um importante problema de saúde pública. Entre os anos de 2004 e 2015 constatou-se uma queda de 17% no número de gestantes adolescentes e o número de nascidos vivos passou de 661.290 para 546.529, respectivamente (BRASIL, 2017).

A gravidez na adolescência é ocasionada por fatores multicausais, dentre esses fatores destacam-se as questões de caráter social, econômico, evasão escolar, desemprego, ingresso precoce em um mercado de trabalho não qualificado e principalmente as dificuldades de acesso às informações relacionadas com a baixa escolaridade (DUARTE; PAMPLONA; RODRIGUES, 2018). Dias & Teixeira (2010), afirmam que essa realidade impõe a essas gestantes dificuldades de saúde tanto para a mãe como para a criança.

Um estudo realizado em Montes Claros (MG) destaca que prevalência de AME em mães adolescentes é menor quando comparada a de mães adultas, sendo, respectivamente, 71,3% e 77,4% (FROTA; MARCOPITO, 2004). Diversos estudos corroboram que o desmame precoce é menor em mães adolescentes associado ao baixo nível de escolaridade, isso faz o bebê esteja mais vulnerável a infecções respiratórias, pois a prática do AME não está sendo efetiva (OLIMPIO; KOCHINSKI; RAVAZZANI, 2010; MARANHÃO *et al*., 2015; SOUZA *et al.,* 2016; RIMES; OLIVEIRA; BOCCOLINI, 2019; DURHAND, 2004).

Já é um consenso na literatura os benefícios do aleitamento materno para a adolescente e o bebê. Apesar destes benefícios, a taxa de aleitamento materno exclusivo em mães adolescentes é menor quando comparada a de mães adultas, pois para obter o sucesso do AME é necessário prática e conhecimento. Diante dessa problemática as adolescentes constituem-se um alvo de atenção aos profissionais de saúde, já que possuem pouco conhecimento e dificuldades referente à amamentação. Portanto, essas deficiências as deixam vulneráveis a amamentar o seu bebê em tempo inferior ao preconizado pela OMS e cabe aos enfermeiros conscientizá-las e orientá-las sobre quanto à prática do AME até o sexto mês de vida. Diante disto, este estudo tem por objetivo conhecer as vivências da prática do aleitamento materno exclusivo em mães adolescentes.

2 I METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, descritiva, do tipo exploratória, com mães adolescentes. A pesquisa foi realizada em uma Unidade Básica de Saúde localizada no município de Salvador/BA. A instituição atende gratuitamente cerca de 3.200 crianças e adolescentes por dia, além de adultos e idosos carentes. Tal instituição é equipada com 06 leitos PPP (pré-parto, parto e pós-parto) (BAHIA, 2019).

Os sujeitos do estudo foram mães adolescentes que estavam sendo acompanhadas no programa de puericultura de uma Unidade Básica do município de Salvador, Bahia.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: mães adolescentes na faixa etária estabelecida e as que estavam sendo regularmente acompanhadas na puericultura na Unidade Básica de Saúde. Foram excluídas as adolescentes que não desejaram participar da pesquisa não assinando o termo de consentimento e assentimento livre esclarecimento, e aquelas que por orientação médica não puderam amamentar ou ainda aquelas que não se enquadraram no critério de inclusão.

Para a coleta de dados foi realizada entrevista semiestruturada, que segundo Boni e Quaresma (2005), combina perguntas abertas e fechadas, sendo um tipo de entrevista muito utilizado, permitindo que o pesquisador siga um contexto semelhante ao de uma conversa informal obtendo um direcionamento maior para o tema e intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

As entrevistas foram realizadas no período de outubro a novembro de 2019, a partir de um roteiro de pesquisa semiestruturada, tendo como questões norteadoras: 1. O que você entende sobre aleitamento materno exclusivo? 2. Você acha que o leite materno alimenta seu filho adequadamente? 3. Durante as consultas de pré- natal você recebeu alguma orientação dos profissionais de saúde sobre amamentação? Quais foram as orientações? 4. Você recebeu apoio familiar quanto ao aleitamento materno exclusivo (oferta exclusiva de leite até os 6 meses)? 5. Existiu dificuldades relacionadas à amamentação enfrentadas desde o nascimento do seu filho? Se sim, quais? 6. Quais são as facilidades ao amamentar? Além dessas, existiram outras perguntas afim de que fosse conhecido as vivências da prática do aleitamento materno exclusivo em mães adolescentes.

A captação das entrevistas realizou-se de forma espontânea, na sala de espera para consulta de puericultura. Seguindo os critérios de inclusão obteve-se uma amostra de 9 adolescentes. Após a explicação da proposta e dos objetivos da pesquisa foi solicitada ao responsável legal das adolescentes que assinassem o termo de assentimento livre e esclarecido (TALE) e às adolescentes o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Foi garantido o sigilo das informações coletadas e da identidade das entrevistadas, para isso foram adotados pseudônimos utilizando espécies de flores. A amostra foi definida à medida que obteve saturação dos discursos.

Após a transcrição das falas, iniciou-se o processo de análise dos dados. A análise do conteúdo foi realizada através da análise de Bardin (2011) a qual é composta por três etapas, sendo elas: a pré-análise, que é a fase de organização ou esquematização do que se deseja alcançar, exploração do material e por fim tratamento dos resultados obtidos e interpretação, que é o momento de tabulação dos dados colhidos para assim explicitar os resultados da pesquisa.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica do Salvador com o número do parecer 3.645.123/2019, obedecendo aos princípios éticos de pesquisa.

3 I RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistadas nove mães adolescentes acompanhadas em uma Unidade Básica de Saúde (UBS). A faixa etária das adolescentes variou entre 17 a 19 anos, sendo a idade média de 18,3 anos. Quanto a avaliação sociodemográfica observa-se que referente a idade na época do parto houve predominância das idades 16 e 18 anos, ambas com 33%. Em relação ao estado civil, 67 % (6) estão em união estável e nenhuma das adolescentes refere ser casada oficialmente. Em relação ao grau de escolaridade, 56% possuem entre 5 a 8 anos de estudo e apenas 22% possui mais de 11 anos de estudos.

Foi percebido que existe uma grande associação entre a gravidez e a evasão escolar, no qual 89% (n=8) abandonaram os estudos após a gravidez, o que corrobora com os achados de diversos autores (SILVEIRA; SANTOS, 2013; RIBEIRO *et al.*, 2015; MOREIRA *et al.*, 2016). Sobre a renda familiar, 44% vivem com menos de um salário mínimo e somente 22% possui renda familiar de 2 salários mínimos. No que se refere a profissão, ''estudante'' e ''do lar'' ambas apresentam as profissões mais citadas com 44%. Em relação ao número de filhos, 78% possuem apenas um filho e 11% tem três filhos (Tabela1).

Tabela1. Características sociodemográficas das adolescentes, Salvador, Bahia.

Variáveis	n=9	%
Idade na época do parto		
15 anos	2	22%
16 anos	3	33%
17 anos	1	11%
18 anos	3	33%
Estado civil		
união estável	6	67%
casada	0	0%
solteira	3	33%
Escolaridade		
< 4 anos de estudos	1	11%
de 5 a 8 anos de estudo	5	56%
De 9 a 10 anos de estudo	1	11%
Mais de 11 anos de estudo	2	22%
Renda Familiar (SM)*		
<1 salário	4	44%
1 salário mínimo	3	33%
2 salários mínimos	2	22%
Profissão		
do lar	4	44%
estudante	4	44%
autônoma	1	11%
Número de filhos		
1 filho	7	78%
2 filhos	1	11%
3 filhos	1	11%

Fonte: Elaborado pela própria autora (2019).

Observa-se nesse estudo, que 89% das adolescentes entrevistadas realizaram parto normal (Tabela 2). Estes resultados corroboram com os achados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2009c) identificou em uma pesquisa nacional, que o parto do tipo vaginal é mais comum em mães adolescentes (10 a 19 anos) em relação às mães adultas (30 a 44 anos). Diversos estudos apontam que a ocorrência de parto vaginal entre as mães mais jovens pode estar relacionada a probabilidade do bebê nascer com baixo peso, favorecendo assim o parto normal (SILVA *et al.*, 2019; MARTINEZ *et al.*, 2011; MARGOTTI; MARGOTTI, 2017).

É possível observar que 56% (5) das adolescentes não realizaram o planejamento familiar (Tabela2), de acordo com Berlofi *et al*., (2006); Moura & Gomes (2014) a maioria das adolescentes não realizam planejamento familiar, e que quando buscam o serviço maior parte já vivenciaram uma gravidez. Acredita-se que, o público jovem desconhece os benefícios e os propósitos do planejamento familiar, pois, há uma percepção de que o intuito do programa se restringe àqueles que desejam constituir uma família, com isso, não utilizam os serviços ofertados pelo planejamento familiar (BIÉ; DIÓGENES; MOURA, 2006).

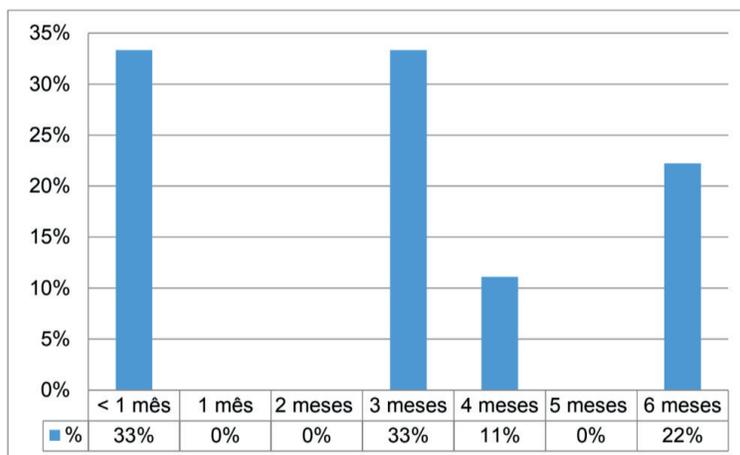
Quanto ao número de consultas de pré-natal a maioria das adolescentes realizaram o mínimo de seis de consultas como preconizado pelo Ministério da Saúde, sendo que, 56% (5) realizaram seis ou mais consultas, porém 22% (2) não realizaram nenhuma consulta (Tabela2).

Tabela 2. Características das adolescentes quanto aos dados obstétricos, Salvador, Bahia, 2019.

Tipo de Parto	**n=9**	**%**
Normal	8	89%
Cesário	1	11%
Realizou planejamento familiar		
Sim	4	44%
não	5	56%
Número de consultas de pré-natal		
Não realizou	2	22%
até 5 consultas	2	22%
6 ou mais consultas	5	56%

Fonte: Elaborado pela própria autora (2019).

De acordo com os dados supracitados verifica-se a maioria das adolescentes entrevistadas (77,3 %) interrompeu o aleitamento materno exclusivo, em contra partida 22% exerceram o AME (Gráfico 1).

Gráfico1. Características das adolescentes quanto a oferta do aleitamento materno exclusivo. Salvador/BA, 2019.

Fonte: Elaborado pela própria autora (2019).

3.1 Conhecimento e vivência da adolescente sobre aleitamento materno

De acordo com o Ministério da Saúde o aleitamento materno exclusivo (AME) compreende a oferta de leite materno até os seis meses, após este período devem ser introduzidos outros alimentos desde que nutram e fortaleçam o bebê (BRASIL, 2009b). Ao analisar as falas das entrevistadas foi possível verificar que apenas 22% (2) das adolescentes souberam descrever alguns dos benefícios ofertados através da amamentação e foram as únicas que ofertaram aleitamento materno exclusivo até os 6 meses. Referente aos benefícios do AME, foram encontrados os seguintes relatos:

''Dizem que é até seis meses né [...] Para mim não tem data de amamentar não, não vou mentir [...] Minha meta era amamentar até os dois anos, mais ai ele tem 2 anos e 1 mês e ainda mama porque ele caiu doente ai como ele mais mama do que come [...] Ai eu preferir deixar ele mamando [...] porque existe todas as vitaminas que a criança tem né, tem que ter'' (Jasmim, 18 anos).

''Acho que dá o peito é saúde para ela [...] Porque protege ela contra doenças, de ficar gripada [...] E tem todas as vitaminas que a criança precisa ter ne'' (Amarílis, 19 anos).

Diante do exposto percebe-se que para as adolescentes entrevistadas, ainda são pouco conhecidos os diversos benefícios ofertados através da amamentação para o bebê, como a contribuição para a redução da mortalidade infantil, proteção contra a diarreia, infecções respiratórias e outros tipos de infecções, melhor desenvolvimento psicomotor, redução das chances de desenvolvimento da obesidade. Em relação a genitora, ajuda na proteção do câncer de mama e ovário, retorno do peso normal, além favorecer um menor risco para hemorragia pós-parto e contribuir para um menor custo financeiro, sendo estes benefícios não reconhecidos nas falas (OLIVEIRA *et al.*, 2017; OMS, 2019).

De acordo com Maranhão *et al.,* (2017) o nível de conhecimento das adolescentes sobre a importância da prática do AME, associado ao menor nível de escolaridade, é um dos fatores que está relacionado com a introdução precoce de alimentos. Devido a falta do conhecimento sobre a prática da amamentação, as jovens acreditam que o leite materno não é suficiente para alimentar seu filho, diante do questionamento sobre a capacidade de nutrição do leite materno, foram identificadas nas falas a seguir:

‘’Não, ele sentia muita fome [...] Dava mingau a ele [...] Porque o peito mesmo dando não sustentava [...] Porque ele chorava muito, porque sentia muita fome’’ (Orquídea, 18 anos).

‘’Não, porque ela mamava e depois ficava chorando, ai eu pegava e dava comida, e ela calava a boca ‘’ (Hortênsia, 17 anos).

‘’Não, porque se ele fosse viver só de leite não ia ser suficiente... Precisa conhecer outros alimentos. E ele chora muito [...] acho que não enche a barriga dele‘’ (Tulipa, 17 anos).

Conforme observado em algumas falas, percebe-se que a introdução de outros alimentos foi justificada por 78% das mães pela presença do choro persistente da criança atribuído a fome. Observou que a introdução de alimentos aos bebês das entrevistadas acima ocorreu com dias de vida, 1 mês e 3 meses, respectivamente.

As adolescentes associam a presença do choro à fome do bebê, pois as mesmas acreditam que somente o leite materno não seja suficiente para alimentar seu filho, resultando na introdução precoce de alimentos, antes do tempo apropriado. Desta forma, as mães iniciam a oferta precoce de alimentos pois acreditam que sejam “capazes de encher a barriga”, sem analisar seu aspecto nutritivo. É importante salientar que alguns problemas de saúde, como desnutrição, aumento nas taxas de morbimortalidade infantil, doenças diarreicas, retardamento do crescimento, são mais comuns em bebês que tiveram a oferta precoce de alimentos (MARANHÃO *et al.,* 2017; SOUZA *et al*., 2016).

3.2 A influência da família e as crenças relacionadas à amamentação

O leite materno contém todos os nutrientes necessários para o bebê, e deve ser o primeiro alimento ofertado assim que nascer. O aleitamento materno além de favorecer o vínculo entre genitora/filho, produz inúmeros benefícios, como, fortalecimento do sistema imunológico emocional, nutricional, psicológico entre outros (OLIVEIRA; SILVA, SILVA, 2018). De acordo com o Ministério da Saúde (2009) somente o leite materno é capaz de nutrir o lactente. Porém algumas mães acreditam que não conseguem prover alimento para seu filho, como visto através dos seguintes termos encontrados nas falas abaixo: ‘’leite fraco’’, ‘’não tinha leite’’.

‘’Meu peito não era suficiente, ele sentia muita fome [...] Dava mingau a ele [...] Porque o peito mesmo dando não sustentava [...] Porque ele chorava muito porque sentia muita fome... Eu tinha pouco leite [...] Não sustentava [...]’’ (Orquídea, 18 anos).

''Só leite não sustenta ele [...] ele mama no meu, no de minha mãe e ainda toma minguau. Porque quando dou só o peito a ele, ele começa a chorar, ai eu boto o leite normal e ai ele pega e cala a boca'' (Rosa,18 anos).

'' Acho que meu leite era fraco, porque ela chorava [...] Ai, eu tentava tipo dava um pouquinho na chuquinha do leite feito, quando descansava eu dava o peito, mais ela não queria mais. Ela não dormia, ficava chorando a tarde toda, o dia todo [...] Não cochilava nem um pouquinho, ai eu pegava, as meninas falou [...] dê um pouco de leite a ela para ver, ai eu peguei o leite e dei... Ai eu dei um Nan, comprei e dei ela. Ai ela não quis mais mamar'' (Margarida, 17 anos).

Ramos e Almeida (2003) ao trabalhar com assuntos relacionados com o desmame, salientam que o ''leite fraco'' é um dos motivos que induzem ao desmame precoce. Diversos autores corroboram com esse achando, apontando que existe uma crença que o leite é insuficiente e que não sacia a fome do bebê por conta do choro persistente e a associação com a fome (FROTA; MARCOPITO, 2004; FALLEIROS; TREZZA; CARANDINA, 2006; ARAUJO *et al*., 2008; SEPKA, 2007).

De acordo com Sepka *et al*., (2007) o que contribui para a fortificação da crença de que o leite materno é mais fraco que o leite de vaca, é a fato da criança amamentada ter fome mais rapidamente do que a alimentada pelo leite da vaca. Vale ressaltar que, isto ocorre porque o leite materno é especifico para nutrir as necessidades do bebê, portanto sua digestão é mais favorável que o leite da vaca.

Já é largamente comprovado que a amamentação traz benefícios para a mãe/bebê e para a coletividade. No entanto, o desmame precoce vem crescendo no país, por sofrer influência das muitas crenças e mitos que vem sendo passados de geração em geração (FALLEIROS; TREZZA; CARANDINA, 2006).

Segundo Sehnem *et al*., (2016) o período da amamentação é desafiante para as puérperas adolescentes, porque ato de amamentar exige autoconhecimento, prática, tempo e habilidades para seu aperfeiçoamento, por isso que nessa fase o apoio dos familiares e parceiro são de extrema importância para que a amamentação seja bem sucedida. Por meio das falas nota-se a importância do incentivo dos familiares para a continuidade do AME.

''Minha mãe nunca gostou que eu tirasse o peito dela, e meu marido também [...] Toda vez que eu pensava em tirar eles não deixavam, meu marido dizia que era até seis meses, não é até 6 meses né que mama? Ai minha família não deixava não'' (Hortênsia, 17 anos).

''Minha mãe, minha sogra [...] Sempre falavam para não tirar o peito... Pra ele não ficar doente'' (Tulipa, 17 anos).

Apesar da prática da amamentação ser um processo natural e biológico, ela necessita de prática e conhecimento, sendo que a mesma pode ser imensamente influenciada de forma positiva ou negativa pelos fatores culturais que envolvem aquela família (MERINO *et al.,* 2013).

''Minha mãe e depois a tia dele, elas falavam que era para colocar a barriga dele junto da minha e quando ele terminar de mamar botar pra arrotar [...] mais que não era só para dar o peito não [...] Que não sustenta'' (Rosa, 18 anos).

Segundo Camarotti *et al.,* (2011) mesmo que as adolescentes sintam-se inseguras em amamentar, o apoio dos familiares, amigos mais íntimos e pessoas especiais faz-se necessário nesta fase, e sua ausência faz com que ocorra uma menor adesão do AME (VIANA *et al.,* 2014).

3.3 Desafios e potencialidades de amamentar na adolescência

Sabe-se que a não amamentação é motivada por múltiplos fatores. A amamentação traz consigo diversos sentimentos de insegurança, sendo este um dos motivos para o abandono desta prática. Após a alta da maternidade as mães passam a assumir todas as responsabilidades dos cuidados do seu bebê, com ou sem apoio dos familiares (MERINO *et al*., 2013). De acordo com a literatura as principais dificuldades encontradas pelas mães adolescentes são: trauma mamilar, pouco leite, dor ao amamentar, choro persistente. Através das falas pôde-se perceber que houve concordância com a literatura.

''Ela chorava muito [...] Não tinha paciência, eu era muito nova'' (Margarida, 17 anos).

''Só na maternidade que meu bico feriu todo, porque eu não tinha bico. E saiu um pedacinho do bico do peito e doía muito'' (Hortênsia, 17 anos).

''Eu achei que não tinha leite, porque com um mês que eu tive ela eu tava achando que não tinha [...] leite [...] Tentei comprar até leite para dar a ela, porque ela chorava muito [...] E eu via que não tinha muito... Ela chorava porque estava com fome [...] E eu via a barriga dela lá dentro ainda, ai a médica e a enfermeira falou que era impressão minha que a gente acha que não tem, já é do psicológico [...] A gente acha que não tem, mais tem'' (Girassol, 19 anos).

De acordo com alguns autores algumas intercorrências como fissuras mamárias e dor ao amamentar contribuem para a ocorrência do desmame precoce. Sabe-se que este cenário é ainda mais preocupante quando comparados com as lactantes em fase de adolescência, pois a idade materna é um dos fatores que contribuem para o desmame precoce. Diante disto, é entendido que as causas relacionadas ao desmame precoce esta relacionada com o desconhecimento dos diversos benefícios ofertados através da amamentação (OLIMPIO; KOCHINSKI; RAVAZZANI, 2010; MARANHÃO *et al*., 2015; SOUZA *et al.,* 2016; RIMES; OLIVEIRA; BOCCOLINI, 2019; AMARAL *et al*., 2015). Portanto é de suma importância a assistência adequada no pré-natal para que essas adolescentes sanem suas dúvidas e anseios. Algumas das adolescentes relataram suas algumas das orientações que lhes foram dadas no pré-natal:

‘’Ela falou que tinha que da mama até os 6 meses [...] Falou que tipo quando a criança tivesse doente [...] Que [...] O leite... a amamentação que ajudava a criança’’ (Margarida, 17 anos).

‘’A enfermeira falou que o leite é importante para a criança porque não fica gripado, não tem doença [...] e [...] que tem os nutrientes’’ (Tulipa, 17 anos).

‘’ A enfermeira, falou que era pra amamentar ela até os 6 meses [...] Porque protege ela né [...] que a mama é muito bom para ela’’ (Amarílis, 19 anos).

Através das falas percebe-se que as adolescentes foram orientadas durante as consultas de pré-natal, pois é de suma importância que durante o período gravídico-puerperal as adolescentes sejam orientadas adequadamente pelos profissionais de saúde quanto à importância, pega, posicionamento, benefícios para mãe/filho e como se deve ser realizada a prática do aleitamento materno. Uma vez que um pré- natal realizado com uma boa assistência integral a adolescente contribui para o sucesso do AME (AMARAL *et al.,* 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Correspondendo a um momento de extrema importância para a mãe e o bebê, o AME é notavelmente mais falho para com as mães em fase de adolescência, por ser um período de inúmeras transformações e enfrentamentos, o apoio dos familiares neste momento irá contribuir de forma positiva, para obtenção do sucesso desta prática. O enfermeiro tem uma grande importância no incentivo ao AME, visto que faz o acompanhamento da gestante desde o pré-natal à puericultura.

Sabe-se que desmame precoce está associado a diversos fatores, e um dos principais é a associação da adolescência com o baixo nível de escolaridade, como mostrado neste estudo as entrevistadas que possuem um maior nível de escolaridade foram as que amamentaram por um tempo maior.

Mesmo diante dos diversos benefícios ofertados através do aleitamento materno exclusivo, muitas das adolescentes desconhecem e por este motivo a prática não se torna efetiva. Além de existir muitos mitos e crenças relacionadas à amamentação que vem sendo passada de gerações. Portanto cabe aos profissionais de saúde um comprometimento sério com o incentivo ao aleitamento materno, com início no pré- natal até o nascimento, com acompanhamento nas consultas de puericultura e pediatria, a fim de verificar e intervir como está sendo o processo do aleitamento materno exclusivo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. J. X. *et al.* **Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrizes.** Rev. Gaúcha de Enfermagem, Rio Grande do Norte, v. 36, p. 127-34, 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36nspe/0102-6933-rgenf- 36-spe-0127.pdf > Acessado em 13 de Set. 2019.

ARAÚJO, O. D. *et al.* **Aleitamento materno: fatores que levam ao desmame precoce.** Rev. bras. enferm. Brasília. v. 61, n.4, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000400015 > Acessado em 13 de Set. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERFOLI, L. M. *et al.* **Prevenção da reincidência de gravidez em adolescentes: efeitos de um Programa de Planejamento Familiar.** Rev. Acta Paul Enferm**.** São Paulo. v. 19, n. 2, p.196-200, 2006.

BIÉ, A. P. A.; DIÓGENES, M. A. R.; MOURA, E. R. F. **PLANEJAMENTO FAMILIAR: O QUE OS ADOLESCENTES SABEM SOBRE ESTE ASSUNTO?.** Rev. RBPS. Fortaleza, v.19, n.3, p.125-130, 2006.

BRASIL. Ministerio da saúde. **Proteger e cuidar da saúde dos adolescentes na atenção básica.** 1ª Edição. Brasilia-DF, 2009a. Disponível Em < http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/saude_adolecentes.pdf > Acessado em 10 de Set 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar/** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: MS, 2009b.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil: Nascimento no Brasil: o que dizem as informações ?**, 2009c. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv42597.pdf > Acessado em 20 de Out. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. **Gravidez na adolescência tem queda de 17% no Brasil**, 2017. Disponível em: < http://www.saude.gov.br/noticias/agenciasaude/28317-gravidez-na-adolescencia-tem-queda-de-17-no-brasiL > acessado 17 de ago. 2019.

CAMAROTTI, C. M. *et al.* **Perfil da prática da amamentação em grupo de mães adolescentes.** Rev. Acta Paul Enferm. São Paulo. v. 24, n.1, p. 55-60, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ape/v24n1/v24n1a08.pdf > Acessado em 10 de Out. 2019.

DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, 2010.

DUARTE, E. S.; PAMPLONA, T. Q.; RODRIGUES, A. L. **A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS BIOPSICOSSOCIAIS**. Rev. Dê Ciência em Foco. ACRE, v. 2, n.1, p. 45-•52, 2018.

DURHAND, S. B. **Amamentação na adolescência: utopia ou realidade?**. Rev. Adolescência e Saúde, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 12-16, 2004.

FALLEIROS, F. T. V.; TREZZA, E. M. C.; CARANDINA, L. **Aleitamento materno: fatores que influência na sua decisão e duração**. Rev. Nutr, Campinas. v. 19, n. 5, p. 623-630, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732006000500010 > Acessado em 15 de Out. 2019.

FROTA, D. A. L.; MARCOPITO, L. F. Amamentação entre mães adolescentes e não- adolescentes, Montes Claros, MG. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n.1, p. 85-92, 2004. Disponível em: < https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2004.v38n1/85-92/pt > Acessado em 20 de Out. 2019 .

LIMA, A. P.; NASCIMENTO, D. S.; MARTINS, M. M. F. **A prática do aleitamento materno e os fatores que levam o desmame precoce: uma revisão integrativa.** Rev. J. Health Biol. Sci, Fortaleza, v. 6, n. 2, p.189-196, 2018. Disponível em: < https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-882742 > Acessado em 20 de Out. 2019.

MACIEL, A. P. P. *et* al. **Conhecimento de gestantes e lactantes sobre aleitamento materno exclusivo.** Rev. Bras Promoc Saude, Fortaleza, v. 26, n.3, p.311-317, 2013.

MARANHÃO *et al.* **Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo entre mães adolescentes.** Rev. Cad. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p.132-139, 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v23n2/1414-462X-cadsc-23-2-132.pdf > Acessado em 13 de Set. 2019

MARGOTTI, E.; MARGOTTI, W. **Mães adolescentes e aleitamento materno até quatro meses.** Rev. Inova Saúde, Pará, v. 6, n. 2, p. 73-88, 2017. Disponível em: < file:///C:/Users/J%C3%A2nio/Downloads/ali,+5.+M%C3%83ES+ADOLESCENTES+ E+ALEITAMENTO+MATERNO+AT%C3%89+QUATRO+MESES.pdf > Acessado em 10 de Out. 2019.

MARTINEZ, Edson Zangiacomi et al. **Gravidez na adolescência e características socioeconômicas dos municípios do Estado de São Paulo, Brasil: análise espacial.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, 2011.

MARTINS *et al.* **Conhecimento de nutrizes sobre aleitamento materno: contribuições da enfermagem.** Rev. enferm UFPE on line, Recife, v. 12, n. 7, p. 1870-8, 2018.

MERINO *et al***. Dificuldades da maternidade e o apoio familiar sob o olhar da mãe adolescente.** Rev. Cienc. Cuid. Saude, Paraná, v. 12, n. 4, p. 670-678, 2013. Disponível em: < http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/22552/pdf_69> Acessado em 15 de Ago. 2019

MOREIRA, T. M. A. *et al.* **O papel do enfermeiro na assistência prestada às adolescentes grávidas**. Rev. e-ciênc, Juazeiro do Norte, v. 4, n. 1, p. 43-53, 2016. Disponível em: < http://www.revistafjn.com.br/revista/index.php/eciencia/article/view/98 > Acessado em 13 de Set. 2019.

MOREIRA, T. M. M. *et al.* **Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez.** Rev. Esc. Enferm**,** São Paulo, v. 42, n. 2, p. 321-20, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000200015 > Acessado em 17 de Out. 2019.

NUNES, J. M.; OLIVEIRA, E. N.; VIEIRA, N. F. **Concepções de puérperas adolescentes sobre o processo de amamentar**. Rev. Rene, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 86-94, 2009. Disponível em: < https://www.semanticscholar.org/paper/Concep%C3%A7%C3%B5es-de-pu%C3%A9rperas-adolescentes-sobre-o-de-Nunes-Oliveira/b201a251e9694f19cb0d489b49ac116e6459c5c9 > Acessado 14 de Out. 2019.

OLIMPIO, D.M.; KOCHINSKI, E.; RAVAZZANI, E.D.A**. Fatores que influenciam no aleitamento materno e desmame precoce em mães adolescentes e adultas.** Cad. Escola Saúde, v.3, p.1-12, 2010.

OLIVEIRA, R. A. M. **Aleitamento Materno Exclusivo e introdução de alimentos industrializados nos primeiros dois anos de vida**. Rev. Multitemas, Campo Grande/MS, v. 23, n. 54, p. 47-64, 2018.

OLIVEIRA, T. C.; SILVA, M. M. G.; SILVA, J. B. **A importância do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida para a dupla mãe-bebê**. Rev. Iniciação Científica e extensão, v. 1, p. 250-254, 2018.

Organização Mundial da Saúde. **Salud para los adolescentes del mundo: uma segunda oportunidad em la segunda década**. Genebra, 2014. Disponível em: < http://apps.who.int/adolescent/second-decade/files/WHO_FWC_MCA_14.05_spa.pdf > Acessado em 20 de agosto 2019

RAMOS, C. V.; ALMEIDA, J. A. G. **Alegações maternas para o desmame: estudo qualitativo.** Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, v. 79, n. 5, p. 385-90, 2003. Disponível em: < http://www.aleitamento.com/upload%5Carquivos%5Carquivo1_344.pdf > Acessado em 20 de Out. 2019.

RIBEIRO, K. R. *et al*. **Associação entre gravidez na adolescência, prática do bullying e evasão escolar em escola pública de campos dos goytacazes**, RJ, Brasil**.** Revista Científica Internacional, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 186-246, 2015. Disponível em: < http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/316/313 > Acessado em 17 de Out. 2019.

RIMES, K. A.; OLIVEIRA, M. I. C.; BOCCOLINI, C. S**. Licença-maternidade e aleitamento materno exclusivo**. Revista de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 53, n. 10, 2019.

SEHNEM, G.D. et al. **Vivência da amamentação por mães adolescentes: experiências positivas, ambivalências e dificuldades**. Rev Enferm UFSM, v.6, n.4, p. 578-588, 2016.

SEPKA, G. C. *et al*. **Promoção do aleitamento materno com mães adolescentes: acompanhando e avaliando essa prática**. Rev. Cogitare Enfermagem, Paraná, v. 12, n. 3, p. 313-22, 2007.

SILVA, Y. J. A. *et al*. **Dificuldades no aleitamento materno na maternidade da fundação santa casa de misericórdia do Pará e o apoio do banco de leite**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, Pará, v. 11, n. 5, p. e292, 2019.

SILVEIRA, R. E.; SANTOS, A. S. **Gravidez na adolescência e evasão escolar: revisão Integrativa da literatura**. REAS, Minas Gerais, v. 2, n. 1, p. 89-98, 2013. Disponível em: < http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/307 > Acessado 17 de Set. 2019.

SOUZA, S. A. *et al*. **Aleitamento materno: fatores que influenciam o desmame precoce entre mães adolescentes.** Revista de enfermagem UFPE on line, v. 10, n. 10, p. 3806- 3813, 2016.

VIANA, R. A. A. **Aleitamento materno: desmistificando esse ato de amor como uma abordagem na promoção da saúde.** Revista ABENO, Londrina, vol.14, n.1, p. 38-46, 2014. Disponível em: < http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-59542014000100005&script=sci_arttext > Acessado em 14 de Out. 2019.

XIMENES NETO, F. G. *et al.* **Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes.** Rev. bras. enferm. Brasília. v. 60, n. 3, p. 279-85, 2007.

DAVI DA SILVA NASCIMENTO - Enfermeiro pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Mestre em Planejamento Ambiental (UCSAL), Especialista em Enfermagem em Emergência (Atualiza Cursos), Especialista em Enfermagem Intensivista (UFBA) e Especialista em Pediatria e Neonatologia (Faculdade Unyleya). Atualmente é enfermeiro do Hospital Universitário de Brasília UnB-HUB (EBSERH). Tem experiência na área de Enfermagem com ênfase em: Fundamentos de enfermagem, Saúde da criança e do adolescente, Terapia intensiva pediátrica e Urgência e emergência, Educação Permanente em Saúde.

TACIANE OLIVEIRA BET FREITAS - Enfermeira pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutora em Saúde pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Especialista em Enfermagem do Trabalho e Pós-Graduada em Gestão em Saúde. Tem experiência como Enfermeira, na abordagem de Saúde Integrativa, com ênfase em Saúde Coletiva. Desenvolve pesquisas na área de enfermagem, gestão em saúde e epidemiologia das doenças cardiovasculares, qualidade de vida, envelhecimento, síndrome metabólica e dislipidemia.

ANA PAULA CONSTÂNCIO FIGUEIREDO - Enfermeira pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Fisioterapeuta pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

DÉLIS DE CÁSSIA SANTOS - Enfermeira pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Membro fundadora da Liga Acadêmica de Saúde de Adulto e do Idoso. Vice-presidente do Centro Acadêmico Margarida Machado (CAMAM). Presidente da Liga Acadêmica de Enfermagem em Pediatria (LAEPED-UCSAL).

JÂNIO GOMES ROCHA JUNIOR - Enfermeiro pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Pós-graduação em Saúde Mental.

A PRÁTICA DO

Aleitamento Materno

Um olhar sobre os diferentes ciclos de vida

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2024

A PRÁTICA DO Aleitamento Materno

Um olhar sobre os diferentes ciclos de vida

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2024